

A Mística no MST: Um Ritual Político.

Luiz Carlos Vieira¹

Resumo:

A presente reflexão é fruto de minha participação no 5º Congresso do MST, como convidado, onde acompanhei a delegação do MST do Rio de Janeiro. O presente trabalho é fruto de minha observação do evento para tentar compreender como os eventos dos movimentos sociais se configuram em espaços de sociabilidade e como estes são permeados por rituais, necessários à formação da identidade coletiva e política, através da formação simbólica da subjetividade dos indivíduos. Foram observadas as místicas na plenária do congresso, enquanto ritual, como integrador e gerador de pertencimento, que proporciona a criação de capital simbólico apropriado pelas lideranças do movimento e se constitui numa forma necessária a reprodução do MST enquanto movimento de massa.

Abstract:

The present reflection is fruit of my participation in 5º Congress of the MST, as invited, where I followed the delegation of the MST of Rio de Janeiro. The present work is fruit of my comment of the event to try to understand as the events of the social movements if they configure in sociability spaces and as these are permeados by rituals, necessary to the formation of the collective identity and politics, through the symbolic formation of the subjectivity of the individuals. The místicas in the plenária of the congress, while ritual had been observed, as integrator and generator of belonging, that provides the creation of appropriate symbolic capital for the leaderships of the movement and if it constitutes in a necessary form the reproduction of the MST while mass movement.

Palavras chaves:

Identidade coletiva, pertencimento, Congresso MST.

Collective identity, belonging, Congress MST.

¹ Mestrando em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade/CPDA/UFRRJ.Email:lcvcso@hotmail.com.

Introdução.

Minha ida ao V Congresso do MST, que teve como tema a justiça social que é a garantia dos direitos e a soberania popular, que pressupõe a soberania dos trabalhadores sobre a produção, a terra e a água, foi proporcionada pela participação no Núcleo de Pesquisadores da Via campesina/MST da qual faço parte, sendo uma das primeiras atividades do grupo, com objetivo de fazer uma observação participante e de integração, além de perceber o momento atual do MST no país e sua participação na Via Campesina.

O V Congresso do MST teve suma importância por ser o momento de definição das diretrizes gerais que nortearão as ações do movimento no país pelos próximos cinco anos e por ser uma das instâncias máximas do MST. Serviu para proporcionar o encontro de diversos delegados escolhidos em todos estados do país para troca de experiências, confraternização e formação política destas pessoas. O congresso ganha importância ainda maior dada às dificuldades financeiras em que foi realizado após sete anos de preparação, contando com a participação aproximada de vinte mil pessoas de todo o país, e convidados nacionais e internacionais reunidas em Brasília entre os dias 11 e 15 de junho de 2007.

A mística como um ritual político.

“Olha, agora preciso desligar, ainda hoje terei que ajudar a preparar a mística para a plenária do dia seguinte”...

A fala acima seria comum se não demonstrasse a importância da mística enquanto ritual nos eventos e vivências dos movimentos sociais. A mística enquanto ritual tem se constituído num importante mecanismo de reprodução política dos movimentos sociais e também de partidos políticos (que não serão abordados neste trabalho). Os movimentos no campo têm a dimensão da necessidade de construção e reconstrução da identidade política e coletiva como forma de continuidade e isto têm sido trabalhado em congressos bem como e atividades nos momentos ritualizados que buscam o fortalecimento do compromisso de seus integrantes com as diretrizes dos movimentos.

A mística enquanto ritual é aqui compreendida como um complexo de ações simbólicas que busca a construção da identidade de um sujeito político através da

formação da subjetividade dos indivíduos. No congresso como em todos os eventos de ação coletiva do MST a mística aparece intensamente, busca obter unidade entre os participantes e faz com que as pessoas se sintam bem em participar da luta e serve de veículo de aplicação dos princípios organizativos (Stédile, 2000).

Segundo Kertzer (2001), os rituais são fundamentais para o processo de associações de indivíduos com entidades simbólicas. Através destes ritos os indivíduos se identificam e são identificados, legitimam-se e conferem legitimidade aos dirigentes, sua importância política vai além onde uma vez bem sucedida é crucial para os movimentos de mudança política. A aura de sacralidade que as pessoas conferem ao poder é nutrida e fortalecida pela performance ritual. Quando manipulam e reivindicam a posse dos símbolos sagrados os donos do poder manifestam seus poderes especiais e legitimam suas reivindicações de autoridade. Os rituais são frequentemente caracterizados por sua dramaticidade e exercem poder ²sobre os indivíduos (Kertzer, 2001).

A mística pode ser compreendida como ritual, aparecendo como um dos elementos responsáveis pela formação da identidade política de sem-terra é uma expressão religiosa que toma contornos políticos, chegando ao ponto de constituir-se num dos eixos que dão sustentação ao movimento na sua trajetória. É um elemento do fazer-se classe, acontecendo como resultado das experiências, no sentir e na articulação da identidade de seus interesses e contra outros homens cujos interesses se opõem aos seus (Thompson, 1987). A identidade perpassa todos os eventos, não só do MST, mas de grande parcela de movimentos sociais, como CONTAG, MPA, PJR, MMC e outros, que criam espaços para se trabalhar os rituais. Para Chaves (2001):

A identidade de sem-terra é forjada no curso da luta, realizada fundamentalmente por meio das mais diversas mobilizações promovidas pelo MST. Assim, mobilizações são ritos de fundação, realizações para dentro e para fora, elas constituem-se em fontes de legitimação tanto para o público interno ao MST, acampados, assentados e militantes, quanto para o externo (Chaves, p. 138).

Trabalhar rituais que tenham conteúdo de formação da identidade é prática comum e da vivência dos movimentos. Eles têm a noção da importância tanto dos

² The power of ritual, then, stems not just its social matrix, but also from its psychological underpinnings. Indeed, these two dimensions are inextricably linked. Participation in ritual involves physiological stimuli, the arousal of emotions; ritual works through the senses to structure our sense of reality and our understanding of the world around us (Kertzer).

rituais como da construção desta identidade que aglutina e torna o grupo coeso, mesmo sabendo das tensões inerentes a vivência nos movimentos.

A mística na plenária: aspectos simbólicos e subjetividade.

Um dos grandes espaços de participação no congresso era a plenária. De acordo com Comerford (2001) as reuniões das organizações de trabalhadores além da dimensão instrumental de tomar decisões ou discutir assuntos de interesses elas constituem-se em espaços de sociabilidade que rompe com a formalidade e contribuem para reforçar redes de relações e possuem uma dimensão ritualizada de símbolos coletivos. Um dos rituais mais utilizados na plenária do congresso foi apresentação de místicas principalmente antecedendo ao início dos trabalhos diários. Em todo início de trabalho na plenária era apresentada uma mística preparada por representantes do MST de cada região país, organizada pelos integrantes da brigada responsável pela mística. As apresentações sempre estavam ligadas à luta pela reforma agrária e ao lema do congresso: “Reforma agrária: por justiça social e soberania popular”.

A mística na plenária aparece como forma de reforçar a identidade de sem-terra e de camponês, busca integrar ainda mais as pessoas na luta pela reforma agrária e podemos dizer que gera solidariedade.³ A mística aparece como uma das maiores expressões no que se refere também a coesão e reafirmação da necessidade de luta pela reforma agrária no país. No congresso, elas, nas plenárias, ressaltaram a participação de jovens, mulheres e crianças no processo de luta que demonstra o caráter democrático e de igualdade, e a necessidade da ação de todos para a construção da nova sociedade foi ressaltado em vários momentos nas falas dos convidados e de integrantes do movimento.

As místicas representadas apresentavam a opressão do estado e a resistência do MST, durante os governos, além da ação das entidades ruralistas que se contrapõe às ações do movimento, buscava expressar que existe uma luta de classes e um oponente a ser combatido e que o estado ainda esta a serviço destes grupos. Durante todo o congresso um dos aspectos visíveis foi a identificação deste inimigo, representado hoje pelo “agronegócio”. O poder do simbolismo e do ritual em definir a realidade política

³ Participar em comum dos rituais favorece um sentimento de unidade. A intensificação da emoção, o uso de vários estímulos de ambientação e visualização, a química da multidão, tudo isso dá ao ritual uma força incomum na criação e renovação dos laços de solidariedade (Kertzer, 2001).

ficou evidente com a apresentação de um vídeo que mostrava o evento da morte dos sem-terra em Eldorado dos Carajás, que foi seguido de grande comoção por parte de algumas pessoas. Utilizando as proposições de Kertzer (2001) podemos dizer que a ritualização, no caso do autor se referindo à morte de Stalin, e aqui se pode pensar em relação às mortes do episódio citado, gera solidariedade, produzindo uma visão da realidade política, e identificando efetivamente o inimigo⁴. Este aspecto permeou várias falas e místicas e procurou-se deixar claro que o combate deste oponente só será conseguido pelos trabalhadores e através da união dos movimentos sociais e de todos os trabalhadores.

Outro momento em que a mística esteve fortemente presente foi na entrada das plenárias, que em si pode ser vista como um momento de expressão ritual pela forma em que se dispunham os integrantes em fileiras, em forma de marcha, refletindo elementos retirados da religiosidade e transformados em ações políticas. A marcha no caso do congresso representa a caminhada em direção aos centros de poder, de territórios sagrados se transformaram em procissões a centros de espaços políticos (Chaves, 2001). Mostra a organização e a disciplina, entendida como essencial para o processo de mudança social e fortalecimento do comprometimento com a luta. Fazem parte de um referencial simbólico maior, se transformando em representações mentais, como atos de apreciação e percepção (Bourdieu, 2004).

Esses referenciais, bem como, o uso das camisas, bonés e utilização de bandeiras do MST, as palavras de ordem gritadas durante todo o evento e nas plenárias se objetivam em representações e demonstra a reafirmação e fortalecimento da identidade de sem-terra. Para mim se constituem numa tentativa de mostrar para a sociedade, que o grupo é homogêneo sem diferenças apesar da diversidade.

Durante a entrada nas plenárias também, eram gritadas palavras de ordem, que mostravam a luta pela terra e combate ao agronegócio e suas monoculturas e transgênicos e contra o imperialismo dos países desenvolvidos. Estas palavras de ordem têm aspecto de animação e principalmente de identificar os propósitos de luta do movimento ao identificar os opositores e chamar para a luta os trabalhadores que participam. Para Bourdieu (2004):“O que faz o poder das palavras e das palavras de

⁴ Para Kertzer (2001), na batalha por símbolos, o ritual é uma arma potente. O objetivo é fixar os símbolos e estabelecer a definição simbólica da realidade e, fazendo isso, equiparar seu próprio grupo político com o bem e o outro com o mal.

ordem ou de subverter é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras (Bourdieu, p. 15)”.
Assim as palavras de ordem possuem todo um caráter simbólico e exercem poder pelo reconhecimento quando são inculcadas pelos indivíduos em sua subjetividade, elas são aceitas porque existe um sentimento de pertencimento à luta empreendida pelo MST. A efetividade destas palavras também repousa no carisma do líder que as pronunciam, elas passam de falas com conteúdo simbólico e se concretizam em capital simbólico que é apropriado pelo movimento.

Outra forma de expressão da mística foram os vídeos apresentados que procuravam mostrar a luta como algo maior e que o inimigo maior está no imperialismo dos países desenvolvidos. O capitalismo mundial seria o responsável pela pobreza nos países pobres da África e América Latina, fazendo-se necessário integrar os movimentos sociais, o que alguns autores já chamam de mundialização dos movimentos sociais em resposta ao processo de globalização e acirramento da integração dos capitais.

A luta contra o imperialismo é ressaltada no vídeo que trazia discursos de líderes históricos como Che Guevara, conclamando a resistência contra o imperialismo ocidental e norte americano. As falas destes líderes demonstram a necessidade e a importância que o MST dá para as referências enquanto símbolos na luta. É a representação de um processo que teve êxito no passado e que possibilita a transformação do futuro.

A mística de alguma forma trabalha a percepção do mundo social que Bourdieu assinala como um produto de uma dupla estruturação social. A subjetividade a qual Bourdieu (2004) se refere se aplica ao contexto à medida que existe todo um processo em andamento estruturado, mas também dinâmico. A linguagem utilizada atua como um processo de fortalecimento da significação do mundo social ligada à vivência do movimento e necessário a continuidade do mesmo. Assim, todo esse processo faz parte de uma formação simbólica baseada numa luta simbólica que impõe e produz uma visão do mundo legítima (Bourdieu, 2004), aqui, sob o prisma da luta pela terra. Através da formação simbólica os indivíduos interiorizam e reproduzem as idéias e incorporam à sua subjetividade o projeto do Movimento dos Sem Terra.

Em vídeo, também, foram apresentadas as sudações de líderes da América Latina, demonstrando apoio ao Congresso, como Hugo Chaves em que ressalta a importância do MST e seu crescimento durante seus anos de existência. A saudação

através da carta de Fidel Castro declara apoio ao MST e é direcionado ao V congresso, ressaltando a importância da luta do movimento e singularidade do evento. Isto demonstra a importância destes referenciais como a revolução cubana como modelo e de governo ideal, para construção de um sociedade igualitária.

Assim se constitui num ponto forte a necessidade de se ter referências, não só do passado, reais que legitimem o processo de luta e que mostrem a possibilidade de alcançar o socialismo pregado pelo MST, estas referências acabam fazendo parte do cotidiano da luta pela reforma agrária, sendo que na mística aparece, a meu ver, como forma de demonstrar aos trabalhadores a possibilidade da construção da nova sociedade e de conquista da reforma agrária.

Outro aspecto trabalhado ainda, neste contexto foi à valorização da educação e sua inexorabilidade como forma de promover a autonomia, e formar uma consciência voltada para o combate dos problemas sociais através de um modelo educativo, baseado na vontade e disciplina, e contraposição ao modelo tradicional controlado pelo estado.

Vale ressaltar o compromisso assumido no congresso para o fim do analfabetismo nos acampamentos e assentamentos e de lutar pelo acesso à educação. Mesmo constituindo-se numa ação simbólica para chamar atenção para o problema da educação no Brasil, a atitude expressa que a luta do MST busca ir além da realização da reforma agrária. Vai em busca de outras demandas sociais como saúde e meio-ambiente, bem como reivindicam a ampliação da participação das mulheres, jovens e crianças na sociedade.

Um dos momentos dos pontos fortes do evento foi a participação massiva de crianças que estavam junto às suas famílias no congresso. Elas participaram em outras atividades e do momento reservado à mística. É importante frisar a importância da ciranda como espaço do congresso destinado às crianças. O número de crianças, segundo fontes do MST era de cerca de 1500 crianças presentes no evento. A participação bem como o acompanhamento destas crianças estava sendo coordenada pela “Escola itinerante Paulo Freire⁵”. Um dos objetivos do espaço destinado a elas era fazer com que durante a participavam do evento não ficassem sem aulas, além de possibilitar aos pais uma participação mais efetiva no congresso. Os educadores,

⁵ Esta escola é ligada ao MST e o acompanha durante os vários eventos de ação coletiva do movimento, como em marchas e ocupações, é uma forma de proporcionar às crianças educação sem privá-lo da participação, junta pedagogia formal com a desenvolvida para o movimento social.

homens e mulheres, foram escolhidos dentre os participantes dos vários estados e coordenados por outros educadores da “Escola Itinerante Paulo Freire”.

Os sem-terrinhas, como eram chamadas as crianças, também tiveram seu espaço de atuação na plenária e na mística. Elas entraram cantando “Criança e adolescente tem direito de viver, tem direito antes de nascer, de nascer. (...) Criança do Brasil, do campo e da cidade. O direito de cidadão eu não abro mão. Somos criança temos direito popular, família e casa pra morar, saúde, educação, isso eu não abro mão. Somos cidadão. Criança e adolescente tem o direito de viver, tem o direito antes de nascer (...)”. Também entraram crianças em carrinhos de bebê ou no colo das educadoras da Escola Itinerante. As pessoas que estavam na plenária levantaram-se, algumas ficaram no alambrado. Muitas pessoas ficaram emocionadas e todos aplaudiram muito, uma senhora disse “*essas crianças nos emocionam muito*”.

Os sem-terrinhas cantavam “bandeira, bandeira vermelhinha o futuro da nação está na mão dos sem-terrinhas (...) Somos crianças e estamos na escolinha do MST. Brilha lá no céu a bandeira: somos os sem-terrinhas do MST”. Após estas músicas as crianças leram uma carta para os congressistas do MST, entre tantas questões elas enfatizaram mais uma vez “O MST é a nossa escola”. E durante esta leitura as crianças, que estavam no interior do ginásio, cobriram a águia, que representava o imperialismo americano, com bandeiras do MST. Ao finalizarem a mística as crianças gritam: Pátria livre, nós queremos.

Dentre os objetivos da educação das crianças está a necessidade de se trabalhar a importância da luta pela terra e por uma sociedade mais justa desde a infância. Vejo que na educação é buscada a própria reprodução do MST através de um corpo de práticas e aprendizados capazes de reproduzir e produzir, a partir da formação da subjetividade das crianças, o sujeito da luta pela terra do futuro que irão compor os novos quadros de militantes e que estarão aptas a trabalhar o desenvolvimento de suas comunidades. A educação aparece como um dos pilares o processo de reprodução o MST. Através da construção da subjetividade, personalidade (Elias, 1994) e a formação simbólica das crianças, cuja formação os levará a atuar no universo em que transitam na luta pela terra, desde os acampamentos até no movimento social. Isto a partir da construção do conhecimento sem perder a identificação com a localidade e com os símbolos que permeiam todo este universo como objeto simbólico. As importâncias das simbologias aparecem na integração social proporcionando consenso ou aceitação acerca do mundo

social a qual estes indivíduos estão inseridos, sendo decisivo para a reprodução. Para Bourdieu (2004) A integração lógica é base para a integração moral.

A formação de uma “mentalidade coletiva” (Elias, 1994) através da incorporação do habitus, adotando aqui este conceito em Bourdieu (2004) relativo ao universo aos quais as crianças participam, é que forma o todo da luta pela reforma agrária desde o acampamento até as atividades do movimento são elementos necessários para criar este sujeito. A educação aparece como promotor desta construção e fortalece a identidade de sem-terra.

Ainda durante o congresso foi firmado um compromisso de combate ao analfabetismo. O lema utilizado foi “o povo brasileiro vai transformar o Brasil em território livre do analfabetismo”. O MST se comprometeu em fazer levantamento nos núcleos de base de todos os que ainda não eram alfabetizados, reunir a coordenação de todos os setores dos assentamentos e acampamentos para organizar as turmas de pessoas que serão alfabetizadas, potencializar o assentamento ou acampamento motivando quem ainda não sabe ler e escrever a participar, organizar quantas turmas forem necessárias para que a campanha atinja o objetivo de não existir nenhuma pessoa que não saiba ler nas áreas do movimento, encaminhar os nomes das pessoas e o numero de turmas formuladas para direção e para o setor de educação da brigada ou da regional, fazer o lançamento da campanha com um ato no assentamento ou acampamento e dar início as aulas imediatamente e por fim conclama a todos que forem participar da campanha a manter o animo e cultivar o gosto permanente pelo estudo, no espírito de ensinar e aprender sempre.

Referencias Bibliográficas:

Bourdieu, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Ed.tora Bertrand Brasil, 2004.

_____. A Produção da Crença. Contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Zouk, 2004.

Chaves, Christine de A. A marcha Nacional dos Sem-Terra. In: O dito e o Feito: ensaios de antropologia dos rituais. **Peirano, Mariza (org.)** Rio de Janeiro: Relume Dumará/ NUAP/UFRJ, 2002.

Comerford, John C. Fazendo a Luta - Sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas. In: O dito e o Feito: ensaios de antropologia dos rituais.

Elias, Norbert. Sociedade dos Indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

Kertzer, David. Ritual, politics and power. Yale University Press/ New Haven and London. Cap. 1, pp. 1- 14.

Kertzer, David. Rituais políticos e a transformação do partido comunista italiano. Horizontes Antropológicos. V 7. nº 15. Porto Alegre. Julho 2001.

Dumará/NUAP/UFRJ, 2002.

Perrot, Michelle. Os excluídos da historia: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de janeiro: Paz e Terra, 2006.

Stédile, João P. e Mançano, Bernardo M. Brava gente - A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. São Paulo: Ed. Fund. Perseu Abramo, 2000.

Thompson, Edward P. A formação da classe operaria inglesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.